

Suplemento Cultural Nº 40

O discurso de posse de Farina na Academia Paulista de Letras

Em 21 de setembro passado tomou posse na Academia Paulista de Letras o médico Dullio Crispim Farina, sucedendo a Menotti del Picchia, que sucedeu a José Feliciano de Oliveira, cujo patrono é José Bonifácio de Andrada e Silva. Farina reúne em seu âmago de homem súpero muitas virtudes de cada um dos seus antecessores, virtudes que se entrelaçam, universal e eternamente, e permanecem na cadeira 40 que ocupa, em forma de espantosa erudição e saber. O discurso de posse, de rara beleza, temos a honra e o privilégio de publicar neste número do Suplemento, na íntegra.

G.A.P.

Logo mais assentar-me-ei ufano e reverente na egrégia cadeira n.º 40 da colenda Casa de J. J. de Carvalho, cenáculo maior de São Paulo. Cabe-me rememorar os meus excepcionais antecessores.

Singulares as características comuns de seus dois ocupantes primeiros. Vidas longuevas, desaparecidos já nonagenários (Menotti Del Picchia aos 96 anos e José Feliciano de Oliveira aos 94 anos de idade).

O Patriarca da Nacionalidade, José Bonifácio de Andrada e Silva, patrono, finou-se aos 76 anos, tudo a dizer que as fulgurações do espírito, os labores intelectuais, o talento e a permanente suplantação de emulações seriam predisponentes a anos tardos, colheita de velhas sementeiras, certezas de cumprimento de missão integral.

Todos paulistas, por mercê de Deus. Feliciano, jurdialense, José Bonifácio, nato junto ao lagamar santista e o paulistano Paulo Menotti, próximo ao largo do Rosário, ladeira São João, quase junto à Igreja dos Irmãos Negros de Antiga Confraria para a Imortalidade e a Glória.

Todos tiveram por úrica meta o Superior, o sem mácula, contemplaram embevecidos o Perfeito e a ele se moldaram. Espelham a Pátria Paulista, identificando-se com altos momentos da nacionalidade brasileira.

José Bonifácio,
o Patriarca

José Bonifácio com as luzes conimbricenses alteou-se a ministérios, saberes da ciência, egrégio membro da Academia do Duque de Lafões. Nomeado correspondente da Academia das Ciências de Lisboa mereceu as escolhas para viajar pela Europa às expensas do governo português. Instruiu-se em metalurgia, montanística, química e outros ramos das ciências naturais. Percorre a França, Países Baixos, Holanda, Alemanha, Boêmia, Tirol, Itália, Hungria, as fronteiras da Turquia, Prússia e os países nórdicos. Frequenta os sábios mais acatados, os Fourcroy, Darcet, Sage, Duhamel, Desfontaines, Jussieu, Brognart, Werne e no retor-



no ao antigo condado português vem a criar uma cátedra de Metalurgia e Geognésia em Coimbra, e outra de Química, na Ulisipona, indo distinguir-se à frente dos cidadãos em armas, em revide à afronta da invasão de Junot e Massena.

Somente em 1819 obtém autorização de voltar ao seu Brasil, sempre presente, onde será o Pai da Pátria, verdadeiro autor da emancipação, Patriarca da Nacionalidade e tutor do menino Pedro de Alcântara, segundo imperador por longo reinado, neto de Marco Aurélio e o maior de todos os brasileiros.

Em síntese emocional de homenagem a esse numetular referimos alguns labores científicos e um pensamento pioneiro calcado em amplo humanismo. Intendente Geral das Minas, lente de Coimbra, desembargador da Relação do Porto, sempre por notório saber;

bem como título especial de doutor em Filosofia Natural, com o qual pôde inaugurar sua citada cadeira, sendo ainda botânico, mineralogista, tudo a executar com zelo, retidão, energia, habilidade, verdadeira metodologia científica. Secretário Perpétuo, a partir de 1812, da Academia das Ciências. Realce-se que todos são concordes em entender que esta eleição foi à época de sua maior florescência. Escreveu sobre as minas de carvão de pedra de Portugal, sobre a utilidade de plantio de novos bosques, o que o torna o primeiro ecologista brasileiro, sobre a nova mina de ouro, em 1815, em 1816 uma memória mineralógica sobre o distrito metálico entre os rios Alve e Zézere, e ainda em 1818 sobre as pedras e lavras do veio de chumbo da Província de Tras-os-Montes.

Erudição muí vasta, sa-

ber profundo, atividade extraordinária. Permanece 30 anos, de 1789 a 1819, em Portugal, sendo dez passados em viagens de estudo e observação pela Europa (1790-1800).

Desse tempo decorrem e avultam a tradução de parte das obras de Virgílio, um ensaio de história contemporânea, alguns elogios históricos, entre os quais um sobre D. Maria, além de cópias feitas por ele próprio de muitos manuscritos existentes nas diversas bibliotecas de Lisboa sobre o Brasil, produzidas todas de grande valor.

Em Santos medita sobre o estado do Brasil e a necessidade de se construir um estado independente. No discurso de despedida na Academia das Ciências, na cidade lisboeta, ele profetiza: "Fois a fundação da monarquia brasileira fará uma época na história futura do Universo."

Estabeleceu os fundamentos de um Império e dele será a pedra basilar.

Ao apresentar seu livro "José Bonifácio e a Independência" (O Homem do Fico e o verdadeiro Patriarca), José Feliciano de Oliveira narra-nos a história da cadeira 40: insistências do Dr. J. J. de Carvalho forçaram-me então a entrar na Academia de Letras de São Paulo. A condição foi a de me reservarem o último lugar, o quadrágésimo. Pensava que o entusiasta fundador do soldado literário não acharia em São Paulo 39 renomados ou candidatos às laureas académicas Enganei-me. No fim de algumas semanas, o dr. Carvalho apareceu-me jubiloso em casa, com a lista de 39 académicos, e o 40.º lugar reservado para mim.

Não me inscrevi logo. Quis examinar a lista, para achar incompatibilidades impeditas. Não as achei. Mas

del logo com os nomes de meu querido amigo e corregedor, dr. Luiz Pereira Barreto e do ilustre sacerdote Francisco de Paula Rodrigues, o popular 'Padre Chico', que me honrava com sua particular amizade; e que muito, muito estimava. A saudade me faz rever sua amical e suave imagem, na Estação da Luz no dia de minha partida para meu voluntário exílio. Não hesitei mais, vendo-me em tão honrosa companhia. Inscrevi-me e escolhi J.B. como patrono de minha cadeira, com a promessa de escrever uma monografia glorificando o Patriarca."

"Quarenta anos fora da Pátria (era a epígrafe de meus artigos no 'O Estado de S. Paulo'), não esqueci minha promessa, servindo sempre à Pátria cara. E aqui lhe trago minha oferenda, dianteira de algumas outras. Prometo que a completarei logo com um segundo volume, já esboçado em meu retiro dos Amandiers (Cros de Cagnes), no sul da França."

Nascimento de uma cadeira e de um livro, panegíricos encomiásticos, sem restrição alguma. Exórdios impetuosos, enfáticos, com diatribes a todo aquele que por gestos, palavras escritas, pudesse ter sido o autor de pequena rasura à glória do Patriarca."

Incorporei a até então pouco sabida "Memória Económica e Metalúrgica sobre a Fábrica de Ipanema 1820", da lavra de Bonifácio. Integração absoluta do espírito do grande primeiro ocupante da cadeira com a figura do sábio santista, a reivindicar o Fico para a iniciativa paulista, e que há de permanecer ao lado dos magnos tomos de Octávio Tarquínio de Souza, Cerqueira Falcão, Breno Ferraz do Amaral, Afrânio Peixoto e Constâncio Alves, José Bonifácio Lafayette de Andrada e Octaviano Nogueira, analistas profícuos do Estador da nova nação.

José Feliciano
de Oliveira

Estudar, conhecer J.F.O., é redescobrir um dos nomes



tutelar da Educação e da Instrução Pública. Molde de antigo paulista, simples, alheio aos mundanismo efêmeros, reto, probo, dignidade integral, coerente com seu pensar e sua dialética. Figura tallhada para o mármore do justo culto e permanente respeito. Amado por discípulos e amigos, leal até o sacrifício à sua fé positivista. Impregnado de alto humanismo, sãbença rara nos mais variegados ramos do conhecimento. Nasceu aos 6 de março de 1868, lar simples e digno. Aí fez os estudos preliminares no âmbito familiar. Depois aulas com João Custódio Fernandes da Silva e João Batista de Faria Pais, preparando-se sozinho para o secundário. Aos 12 anos, fez-se mercador ambulante para auxiliar a sua e a subsistência dos progenitores, nos longes de 1879 e 1880. Empregado dos Correios, sempre a estudar nas poucas horas de lazer. Com 15 anos funda em sua cidade um Gabinete de Leitura. Conseqüências, adversidades, mas ele lo formado em 1887 pela Escola Normal da Praça. Em 1889 é nomeado professor primário por Couto de Magalhães e 1893 assiste seu ingresso no corpo docente da Escola Normal, na regência da cadeira de Astronomia. Ao chegar a S. Paulo teve de custear os estudos na Escola Normal, a Sorbone Paulista, ensinando particularmente. Dirigiu também a Escola Municipal Noturna. Além de Astronomia, foi reconhecidamente mestre de Mecânica e Matemática, de português, latim, história da língua e francês, idioma que dominava amplamente. Adepto de Augusto Comte, já na distante mocidade, mereceu o título de "Testamenteiro do Mestre".

Em 1902 segue para a Europa, em viagem de estudos, ano de excelências, pois é convidado para ser o parafinó dos formandos da veneranda Escola Normal. Positivista histórico, amigo de nosso grande embaixador em França, Gabriel de Toledo Piza e Almeida, quando de sua aposentadoria em 1910, ao fixar residência em Paris, vai se constituir em nosso verdadeiro representante cultural, de forma entusiasta e ininterrupta, a exaltar e proclamar valores da Pátria estremeçada.

Em 1934, após 24 anos de incansáveis labores, cursos e conferências, palestras, o governo brasileiro concedeu-lhe modesto subsídio e o título de adido especial.

Realiza entre 1934 e 1939 nove cursos e doze conferências abordando Astronomia, Filosofia e História do Brasil, na Sorbone, na Faculdade de Letras e na de Ciências, no Palais de la Mutualité, no Instituto de Histórias das Ciências, anexo à Universidade de Paris e no Collège Livre de Sciences Sociales, de que se tornou professor catedrático.

Colabora no "Figaro" e em "Le Monde". Representa o Brasil na velha Lutécia sabedora, entusiasta, lutador ardoroso, sem retrocessos. Expressou o alto espírito de várias décadas, sempre fundado no "Catecismo Positivista", na "Moral e na Razão".

Artífice primeiro da consolidação (obra completada

por Paulo Boreddo) de "A Casa de Augusto Comte", em Paris, à rua Monier - le Prince n.º 10, em pleno coração do Quartier Latin. O Museu reúne móveis, quadros, a rica biblioteca, os originais de suas preciosas obras, grande parte de sua correspondência, tudo no mais perfeito estado de conservação, na mais completa ordem, a constituir um centro de documentação invejável para quem desejar se aprofundar no estudo de seus jornadas.

A obra polifacetada de Feliciano encontra-se, na maior parte, em ensaios e escritos dificilmente encontrados. Pode manuseá-los, graças ao generoso amigo, homem-maior da bibliofilia, João Falchi Tricca, que enaltece nosso tempo pelo conhecimento profundo das letras pátrias. E ao compulsá-lo, começa a surgir um passado eloquente, pleno de labor, vida, esperança, certeza no amanhã promissor. Com eles pude elaborar o arcabouço de livro que há de exaltar as excelências desse alto espírito, José Feliciano. Da noite do passado levanta-se um tempo de construção. Ergue-se a Memória da História Paulista. Surge o Colégio Rangel Pestana, para meninas, com largo programa, mestres competentes, métodos modernos. Ensinavam os direitos da mulher na Sociedade Brasileira, em proselitismo eloquente para a época.

O venerando dr. Manoel José Chaves, patriarca da Educação, tornou-se o primeiro professor e doutor em 1846, da primeira Escola Normal. O dr. Laurindo de Brito, reabriu-a em 1880. Localizada na rua da Boa Morte, passou para a praça da República em 2 de agosto de 1894. Feliciano formou-se em 1887 e em seu ensaio lapidário enalteceu muito de seus mestres. Aluno de Júlio Ribeiro desde 1886, em boa harmonia com ele desde as primeiras Cartas Sertanejas, a propósito das quais escreveu um "artigo campanudo" na sua curiosa expressão. Considerava Silva Jardim o reformador do ensino da língua materna, com método novo e vivido, e João Kopke e Antonio Caetano de Campos, praticantes da escola verdadeiramente ativa. O último, sábio médico, entusiasta republicano e dedicado educador, a nos deixar também estera operosa na Santa Casa da Glória, na chácara dos Ingleses.

Relata-nos o domínio da "escola neutralidade". Vitória dos positivistas sobre o darwinismo ateu. Dias de Manuel Cyriádio Buarque, com a direção das escolas nas mãos de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade e de Miss Márcia Browne, esta mais tarde diretora da Escola Modelo da Luz e ao depois indo casar-se nos Estados Unidos da América do Norte.

Feliciano professor na Escola Alemã, 1890-93, na matéria de português, com gratas recordações dos alunos. Já tinha colaborado em 1870 na Escola Americana, erguendo-se sua voz a prezo-nizar o ensino aos nossos índios herentes! Seu trabalho auferira larga repercussão. Horácio Lane desejou levá-lo para a América do Norte. Em seu livro "O Ensino em São Paulo, Algumas Remi-

niscências" (1932-1963), aborda o evoluir da instrução em nossa Capital. A reforma de 1893 entendia a existência de vários setores do ensino: a Escola Normal, a Complementar, a Modelo e o Jardim da Infância. A normal para a formação de professores do nível secundário e a complementar com o objetivo de formar professores primários. Todas elas acabam reunidas em edifício elegante, surto após a demolição de outro mais antigo, junto com artística bibliote-

"Feliciano, ativíssimo, em 1891 funda as Escolas Municipais Noturnas"

ca, obra de Ramos de Azevedo.

Nesse período áureo vão surgir figuras como as dos magnos professores René Barreto, João Lourenço Rodrigues, Honorato Faustino, Américo de Moura, Carlos da Silveira. Foram reformadores decisivos, em 1893, Cesário Motta Jr., Gabriel Prestes, José Feliciano; governos de Bernardino de Campos e Cerqueira César. Ficou vaga a cadeira de capital paulista para professor primário. Posta em concurso, inscrito, sem concorrentes J. Feliciano deveria vencê-la, mas professor alenigênica, parente de políticos, intentara remover-se para essa cadeira. José Feliciano desde cedo, jovem indomito, lutou pela "Gazeta do Povo", denuncia o caso e, após a protestação, Couto de Magalhães, sempre propenso à Justiça, o nomeou.

É a época em que vai redigir a parte literária da famosa "Redempção", de Antônio Bento. Recorda livros que então estruturavam seu cerne: "Auroras de Instrução", de Antônio da Costa, "A Educação", de Almeida Garret, e outros de Spencer, Alexandre Bain e Calkins (este na tradução de Rui Barbosa).

Feliciano, ativíssimo, laborioso, com Lamartine DeLamare e Luiz Piza, em setembro de 1891 funda as Escolas Municipais Noturnas. Colabora com Gabriel Prestes e Gabriel Ortiz, fundadores de externatos para ensinar os alunos da Escola Normal, como repetidores das matérias dos cursos.

Rege a classe de Física e preliminares de Mecânica, graças ao que aprendera com o mestre Cyriádio de Carvalho. Em 1895 já havia ensinado os próprios colegas nos salões da Propagadora da Instrução à rua São José. No Jardim de Infância, Zalina Rollim e Rosina Soares são colaboradoras profícuas de Gabriel Prestes. Por esses dias publica "Lições de Geometria Prática", escreve um prefácio para o "Livro das Crianças", de Zalina Rollim e efetua tradução dos livros de Paul Bert (série científica).

Já era amigo mui considerado por Alfredo Pujol (o fu-

turo biógrafo de Machado de Assis), Júlio Mesquita e Luiz Pereira Barreto. O sábio positivista deixou impressões no livro dos visitantes, a demorar-se nas dependências da Escola da Praça, visitaçao ao lado de J.F.: "Tudo perfeito, a futura pátria está aqui, casas, jardins, laboratórios, museus, ginásios, bibliotecas, instalações e quanto for necessário para transformar uma escola, que era um pedreiro (sic) e pouco disciplinado."

Em 1904, houve tentativa de Almeida Nogueira em trocar a cadeira de Astronomia, de J.F. por Filologia, mas conseguiu, mas logo depois ela é extinta e ele deverá reger matemática elementar em dois anos. Era a consequência de campanha injusta e pertinaz. Herculano de Freitas e outros o hostilizavam na Câmara até suprimirem sua amada cadeira de Astronomia. Decorrencia de perseguição de grupos positivistas, seguidores de Miguel de Lemos e Teixeira Mendes, do Centro do Rio, dos quais dissertava em postura altiva e independente. Modelo vivo de dignidade e de elevação de caráter, injusto e duro golpe advindo dos conflitos impostos pelas limitações humanas.

O professor Feliciano levantara casa residencial, e anexara uma torre mágica: "Comprometido severamente a estética de sua vivenda e aumento de alguns contos de réis a despesa da construção. Ali para os lados da Consolação, na torre, colocou luneta pertença de João Lourenço Rodrigues, também ilustre educador e colega da Praça e historiador dessa época."

O Congresso Legislativo do Estado, em verdade, suprimiu sua cadeira e nomeou-o para a regência de geometria. Assim mesmo o seu idealismo sem limites quase o fez cometer "um quixotismo final" (em sua própria expressão), a qual acrescenta bom final para os "cômodos de minha vida". Oferece a casa, terrenos, instrumentos, material de ensino e dois mil volumes, alguns raríssimos. Não aceito o oferecimento, quem contudo que o inventário seja feito por desafeto... É claro, suspende a oferta.

Desiludido parte para um verdadeiro exílio, no Exterior. João Lourenço Rodrigues, muitos anos após (na iniciação do curso de Astronomia em Campinas, em 1926), recordará: "Desiludido, te desterraste e foste viver num modesto recanto de Paris que outra coisa não permites os minguados recursos da tua aposentadoria, outros poderás esquecer-te, mas não te esquecerás jamais os teus dis-

cípulos da Escola Normal. Para eles a tua personalidade de avulta sempre, a despeito da distância e transfigura-se na progressão do teu desinteresse. Em espírito belto-te as mãos neste dia, pois é em honra de teu nome que se abre em Campinas este modesto curso de alfabetização astronômica."

Em 1968 volta a São Paulo, na tentativa de ficar definitivamente. "Os cabelos negros haviam se tornado inteiramente brancos; o aumento dos anos parecia diminuir-lhe um pouco a estatura. O pincenô fora substituído por óculos azulados, mas a distinção era a mesma, a voz sempre vibrante na cordialidade de seu acolhimento." Antiga aluna recordou "que tarde agradável passamos (os antigos alunos), sentindo-nos pequeninos diante de tanta lucidez e de tamanha erudição". Em 1963 finou-se, ainda com a cabeça cheia de projetos e o coração afilto pelos destinos de "seu" Brasil, que mesmo no estrangeiro fora sempre sua principal preocupação.

Desapareceu para ingressar no Panteão das mais insignes figuras da Civilização de Piratininga!

De sua extensa messe de labores é necessário enfatizar "As Finanças da República", e o substituído "Os Pais da República e seus Primeiros Dias"; "Tiradentes, o Herói da Independência Brasileira"; "Cometas, Estrelas Cadentes e Bóides" (A propósito do Fim do Mundo, Nov. 1899; e mais 22 monografias e ensaios de primeira grandeza, básicos para a elaboração da crônica eloquente da terra paulista.

Menotti del Píochia

Paulo Menotti del Píochia, quase um centário de existência fecunda e cinquenta anos de Academia, longo viver, confundindo-se com a evolução de Piratininga. Noventa e seis anos, vida plenamente aproveitada a delatar raízes profundas, perpétuas na cultura e na história paulista.

Líder sem esmorecimentos, a criar, pintar, esculpir, para o porvir mas também com o cinzel nos fastos do presente. Da antiga ladeira do Açu, São João, a Pastora e Rainha de Cicero Marques, para a imortalidade e a glorificação.

Paulo Bonfim, na palavra de adeus, enalteceu que "entre todos os personagens que criou, o mais fascinante foi ele próprio". Talento, lucidez, pertinácia, virtudes desse esbanjador de obras-primas, em que se destacam as vivências de sua jornada, enovelada, confundida com o labor e o civismo de um povo e de uma nova raça.

Estudioso observador, sempre a tentar melhor entender o homem, em todas as suas dimensões, deixou obras polimorfia, variegada, sempre sacudida pela inteligência, e um descortino, capaz de fazer surgir jóias como "Angústia de D. João", "O Amor de Dulcineia", "Chuva de Pedra", "Máscaras", "Jesus", "O Deus sem Rosto", "O Homem e a Morte", poesia, ensaios, romances, contos, "A Filha do Inca", "Dente de Ouro", "Salomé", "O Crime daquela Noite", e o filho

maior, quase sinônimo, "Juca Mulato".

Os estigmas universais do amor, inquietude, prazer e morte (D. João), os sonhadores impenitentes (D. Quixote), muito do seu retrato, biotipo, a acreditar nas cousas do espírito e do coração). São Paulo de um tempo, o fastígio da Avenida Paulista, Campos Eliseos, Higienópolis, morada da elite social, Brás, Bexiga e Barra Funda, o operário e o intelectual, a mansão da nova aristocracia e o pária nos paludes do Riachão Saracura, e a ladeira do Tamanduaí ou do Porto Geral, e o Gileócio que fora sítio do Tapanhoim; mais poemas, "Moisés", e crônicas (é Helios quem as assina), e outros romances ("Flama e Argila", "A Tormenta", "Camunká", ensaios, "Poemas do Vício e da Virtude", "Poemas de Amor", "Kalum, o mistério do Sertão", novelas, "Lais", "Do Nua", e isto e mais aquilo, o clássico, o universal acurador em São Paulo, nestas plagas, como ele mesmo fora sempre sua principal preocupação.

Nascido aos 20 de março de 1892, ali onde hoje se ergue o majestoso edifício do Banco do Brasil, fez seus estudos primários em Itapira, para onde seus pais se haviam mudado. Campinas, Pouso Alegre, os primeiros escritos, bacharel em 1913 pela Academia de Direito de São Paulo, e logo o livro de estreia, "Poemas do Vício e da Virtude". Sonetos, o livro Lais, o alçar de magna figura e a liderança do movimento modernista que se consolidaria na Semana de Arte Moderna, em 1922.

Ao publicar "Moisés", ainda aluno da Faculdade, de forma inesperada, e ao mesmo tempo jubilosa, para o autor, mereceu o poema versos de Amadeu Amaral, então ao lado de Vicente de Carvalho, o maior nome da poesia paulista, e ambos da Academia Brasileira.

Em sua "A longa Viagem", em confissão expressiva registrou o poeta: "Moisés encena em largas linhas minhas constantes temperamentos. Ela perpetua inquietação, o anseio de novo que anima os hebreus no deserto de Soar, de Sin, de Rifidin, o que forma a própria substância do meu espírito."

"Foi isso que me levou a ser um dos pioneiros da revolucionária "Semana" de 1922. Tentei nas estrofes do poema sacro renovar a textura dos versos tornando-os livres nas rimas e arbitrários na medida. O tema, porém é universal. Sentia agora, a necessidade de me concentrar nos motivos da nossa terra e da nossa gente, não confinando, porém, minha arte a um regionalismo

restrito, mas procurando exprimir o que houvesse de universal na alma e na paisagem do nosso homem rural.

Eis a gênese de sua obra, em suas constantes sempre repetidas: Gênese de sua arte plástica e de seus escritos polimórficos. Lembra-nos Pedro Américo a repetir temas de Guercino (Giovanni Francesco Barbieri (1591-1666), Guido Reni e outros, com a mesma expressividade dos desenhos e a ênfase dos contornos, mas com a suave brandura de Cristos, e São Tomás em sua incredulidade com olhar e as faces do homem brasileiro, pelo menos até então ameno e cordial.

Intensa atividade na vida pública, primeiro diretor do Monte de Socorro do Estado, chefe do Ministério Público, deputado em várias legislaturas, diretor do Departamento Estadual de Propaganda, e Tabelião.

A releitura da prosa e da poesia, de Menotti, é um passeio permanente de deleite e inebriamento a um mundo, já incorporado à história. Prosa escorreita, inspiração renovada, profundo conhecedor da antiguidade e temática bíblica. Observador atento e atilado, apreça rumos, aponta diretrizes, analisa situações, desfalece bandeiras, vibra, apaixonado-se, polemiza, empolga-se empolgando, expressa vida e energia, fonte perene de criações e do belo.

Retrata a República Tropical (em "A Tormenta"), as bernardes dos anos vinte, os caudilhos devastadores, a teatralidade pitoresca e fascinante dos chefes políticos. Em trechos, acode-nos à lembrança o significativo "Três Sargentos", de Yan de Almeida Prado. Os saques, as astúcias, circundantes das sublevações e intenções, material para a crônica definitiva de uma época.

Talvez o primeiro a citar Spengler e "Ocaso do Ocidente", no romance. Poeta, temas eternos, mas sempre a criar um mundo novo e pleno de beleza. Em D João, vai explender:

Não compreenderei o prazer que consiste em se amar, um ser que não existe!

Plasma-me dentro de mim e fí-la minha eleta.

Chama-se essa mulher: a Beza Perfeta!

"O Amor de Dulcineia" encerra a suprema felicidade de oficiar a poesia.

Como é belo criar! Como é bom ser poeta!

Defazer o imediato, a certeza concreta, toda a limitação, o trivial, o bisonho, dilatando ao infinito as fronteiras do sonho!

Ainda em "A Tormenta", curiosas e pertinentes observações, a propósito de nossos modismos políticos: "Sim. Compramos o cavalo de Troia. Introduzimos nos muros da República o fermento guerreiro do caudilhismo".

"A República foi um erro, porque quis civilizar muito depressa uma nação que estava ainda na panela da história sob a qual, os séculos, como o coque, fundem as misturas étnicas numa unidade de consciência. O Império com seus duques guerreiros, com seus marechais resplandescendo, com seus regimentos cheios de penachos era um sedativo pequiço para a nossa sede infantil de colorido e de miçangas.

Os povos de curta formação política detestam a sobrecaçaca e a cartola. Para mim, a queleção de um paia é uma queleção de monumentalidade. Veja, até nós, os literatos, quando sublimos acima da nossa glória, botamos no flanco um espadim acadêmico.

Nossos encontros, numerosos e significativos para este escultopo, estão a merecer redação fixadora de personalidade, impar, dona de excepcional agilidade mental. Quando da noite de autógrafos de seu "O Deus sem Rosto", ao lhe serem solicitadas algumas palavras sobre o filho Juca Mulato, a resposta veio célere: "Juca Mulato, meu filho lirico mais velho, comparece metedido, e prepotente em todos os instantes de minha vida. Até nesta noite de autógrafos". Menotti, 1969.

Nos longes de 1948, num encontro fortuito, levou-me para o seu tabelionato. Desejava tomar conhecimento da posição dos moços pela redemocratização do Brasil. Delhe os informes, a inquietude da resistência à noite negra que ainda perdurava em nossa terra. Quis detalhes da vida universitária, e ao saber dos esforços para a obtenção de empregos para os colegas, missão que cumpriria executar em nome do centro acadêmico Osvaldo Cruz, não tergiversou, ofertou e obteve colocações para jovens hoje excelentes facultativos. Mostra de solidariedade humana, compreensão sem peias aos jovens lutadores, agora excepcionais pediatras e cirurgiões.

Recordo nesso primeiro encontro, nas primícias ainda da meninice, na antiga rua Nova São José, já Libero Badaró, em homenagem ao genovês, médico, libertário.

No canto, a escorrer de São Bento, à porta d'A Gazeta (era o n.º 2A), duas vezes empastelada pelas ditaduras (em afronta ao patrimônio cívico paulista), lá vislumbremos, eu e meu pai, o poeta, elegante e lano, ao lado de Amadeu Amaral, estes olhos profundamente azuis, penetrantes, cismadores, com vaga melancolia. O vato de "Urzes" tinha sido no ginásio Macedo Soares, professor de literatura portuguesa, de meu progenitor, também companheiro e vizinho de infância de Menotti, logo mais acima, na São Bento com largo do Rosário, ainda no século passado. Na rememoração saudosa as impressões ficaram a nos aquecer para sempre, enaltecendo os gestos e as circunstâncias.

Em visita de cordialidade sessenta anos depois, Del Pichia lembrou a cena para sempre registrada nos escaninhos da memória. Marcos efetivos de cordialidades d'antão.

Vinha ele de assumir a direção de "A Gazeta", recém-adquirida por César Libero, de Antonio Covello, advinda do espólio de Adolpho Araújo. À qual soube dar o dinamismo que vai caracterizar o jornal nas décadas entranças.

Na evocação de um tempo caro da existência, surge a rua Frei Caneca, no primeiro quarteirão, entre a Avenida Paulista (antigo espigão de Caaguassu) e a rua Luiz Coelho, nos anos de 1924 a 1927, em residência fronteira à do conde Dino Crespi e ao palacete em que mais tarde morou o industrial Falchi. Na esquina de Luiz Co-

lho morava o saudoso Altino Arantes, prefeito e presidente de São Paulo, acadêmico e homem de letras, presidente desta Casa, suave, cortês e de espírito religioso. Em sua morada, em terraço anterior, uma Nossa Senhora da Conceição recebia as devoções diárias, engrinaldada sempre com as mais belas flores. Ao seu lado, na Luiz Coelho, a residência de Carlota Pereira de Queiroz, expressão das virtudes da mulher paulista. Médica, constituinte, mentora da política, figura de pról do Movimento Constitucionalista, a

A mãe, piaana, junto à Viaregio, Dna. Corina do Corso, na rememoração filial, verdadeira protetora a dar sombra, amparo, orgulho, segurança, sempre vivível e presente no horizonte da infância e mocidade. De estirpe rural, ligada à gleba, forte como uma cepa de videira e generosa como essa planta que dá o vinho - na fala do poeta, mas em longa e honrosa perspectiva descendente dos duques de Ajaccio, pátria de Bonaparte, a quem serviu um tio-avô paterno, sobrevivente da trágica passagem do Berezina.

e surgem os bustos do cardeal Arcoverde e de D. Antônio Maria de Claret, Superior claretiano. Nasceram teias, peças escultóricas, variantes de escolas. A cultura, afirma-se com personalidade própria e destacada.

D. Quixote e Sancho Pança, da lavra de Menotti, é tela paradigma modernista. O cenário é expressivo. Espanha Goyesca, sátira de El Greco, tintas de Zurbarán. Na planície manhega, árida, silenciosa, intermina, pardacenta, um ou outro olival, rotoreado pelo vento e as centúrias. Em andadura sem compasso, visualizam-se Sancho e D. Quixote. Cenário de estepe imensa, horizonte sem fim, num mar pedregoso, sem raios de sol, em desolada campina, torções vistosas e inusadas.

Panorama completo, bem delineada perspectiva. Rolço, redondo, o escudeiro marcha encarapitado, pequenino em sua grande empáfia, e ao lado o cavaleiro da triste figura, não de todo venotido, mas derreado, abatido, derribado e diminuído pelas aparentes vitórias, falsas glórias terrenas, mundo não idealizado nem sonhado do qual, distante, evolui-se a páramos infinitos. Acordes de Telemann.

O jumento na plenitude do vigor, antecipação do Platero (de Juan Ramon Gimenez) expressa, no desusado garbo, as láureas, embora efêmeras, contingentes das virtudes burguesas. Rocinante, magro, algo esfaumado, não perde o passo, talvez a suportar, derradeira reserva, as conjunções da última marcha não heróica.

Retrato de uma época, do consumismo triunfante, da massa moldada no trivial, na mediania mediocridade de fins e metas. Contraste entre o Homem Integral, que tenta atingir os reinos de Deus e o Homem Mediocre, de Ingenieros e de Pitirrin Sorokim, ou do Homem Incapaz de Charles Richet. Símbolos de nossos dias, preconizados pela antevisão menottiana.

O quadro "As Músicas de Wagner" (1927) entredemonstra os novos caminhos. Não aqueles palmilhados por Triásto e Isolda, Walkírias e Wáhalas, sem romances, Wotan e Odín, deuses agora lineares, estereotipados do Poder Total, aparentemente inabaláveis. Não mais o ardor da pugna, o embate do guerreiro mítico, a glória prelabada, o lábaro conquistado. Mas nisso tudo a sobrepair a eterna beleza da flor e da mulher. Pintor-vate, bardo animoso com paleta eximia.

Mas, muita vez, quase sempre, Menotti figura-se em Menotti de La Mancha. São cantares de Paulo Bonfim:

Menotti de pena em riste De Itapira para o mundo Cavalga o verbo, domina o sonho, transmuda moinho em vento.

O poema inventa o elmo, Romance escuda destino, Da escultura faz-se o gesto, O jornal é espada impressa, Pintura cria a longa Tribuna vira castelo!

Na planície o cavaleiro No golpe do passo, Ergue a lança e lança o repto: - Brasileiro, Do alto do Teatro Municipal de São Paulo

Sessenta e seis anos vos contemplam! A compreensão da obra, a análise exata, o conceito

pertinente sempre foram exarados pelos pares deste nosso sodalício. Irmãos entenderam o irmão maior, em perscrutantes ensaios e antecipados julgamentos.

Nogueira Moutinho, crítico de eleição, na passagem de seus noventa anos, expende o julgamento definitivo: "Sem ele seguramente a Semana de Arte Moderna não teria existido, ela transformou o quase nenhum mito". Lembra-o como lirico, nacionalista, revolucionário e condottieri.

As louvações de Osmar Mentel, também crítico de nomeada, sentem-no em função da fremente sensibilidade romântica a exprimir-se literalmente por imagística visual de sabor poético, atenta de algum modo à realidade quotidiana.

Embebido nas emanações da gleba, envoltório telúrico, suas tintas e sua pena, levantam painéis com resabos tropicais.

Menotti, homem da Renascença, transplantado aos chãos de São Paulo do Planalto de Piratininga. Miguel Real, excelsa figura também a lembrar vultos da era Médicea, em ensaio modelar e antológico, conscientiza-nos do sentido renascentista do conjunto menottiano, pródigo em conciliar arte e natureza, graças às forças demiúrgicas do espírito.

Em verdade é o temperamento renascentista, herança e atavismo dos del Pichia, originários de Siena, na Toscana, com avoengos remotos desde os alcores do século quatorze.

Ancestralidades dominantes, deflagradoras da criação, do senso estético, das manifestações sensoriais, começos e fins do acervo literário, das realizações nas artes plásticas. Descendentes, na impressão sensorial, pelo ambiente empolgador e anelante.

Siena, cidadela do medievo com a piazza del Campo, onde se corre o Palio com os pendões e flâmulas cantônicas. Berço de antigos avós do poeta-lidador com o famoso Duomo de mármore branco e negro, no cimo de um dos três côtes.

Contornos, auras, marcantes impulsões n'alma de vero súdito de Lourenço o Magnífico, nado em terras de São Paulo, aqui engrandecido pelos ápices e louros de existência exemplar.

Homem paulopolitano, com radiculas a perpessana, com decorrências ainda não de todo decantadas.

Transfiguração naquele dia de êxtase extraterreno, aos vinte anos, na sua amada Itapira, onde nasceram seus primeiros filhos e estão sepultados seus pais. Sentiu toda a plenitude da pura alegria de viver, alegria deslizada do cotidiano, deitado no chão, entre raízes, num bosque, recebendo no rosto, disparadas de entre as frinças das ramadas, setas de sol.

Soubera abeberar-se das fragrâncias da mata nativa, manhá digna de modulações musicais de Debussy, que vão impregnar a alma, profundidade do bardo, atuar e responder de forma incisiva na ideação e elaboração do cerne de seus personagens, seres viventes em cenários múltiplos, a rescederem aos cores e ruidos do ter-

Na velha Itapira, com a inspiração nativista, nasce "Juca Mulato"

deixar obras de rememoração dos fastos do passado.

Pois na casa de Altino Arantes, autor sempre lembrado de "Passos de meu Caminho" e "Disse", fixaram-se para sempre as visitasões de Paulo Menotti ao Augusto anfitrião, em trajes de bom gosto, botinas de abotoar, alguma vez polainas, palheta ou borsalino Adonis, ademes marcados pela cortesia e gesto afável.

Em frente nos jardins da Maternidade Raul Briquet, austero e respeitado e Nicolau Moraes Barros, ginecologista de destaque. Cincocenta anos mais tarde, no ponto soergue-se imponente edifício de mais de uma dezena de andares, oficina de trabalho do inesquecível mestre Antônio Carlos Pacheco e Silva. Superpostos de imagens, vínculos e incentivos, insertos nos recordares de um menino da Paulicéia ainda pacata, nem de todo desvaída. A figura de Menotti, nessa retentiva, também andou pelas festivas quermesses dos anos vinte, defronte ao Trianon, em quiosques no Parque da Avenida, mais tarde Siqueira Campos. Destacava-se entre os membros do patriciado local.

Com o desaparecer de Moacir Piza e Ricardo Gonçalves o firmamento cultural e jornalístico enaltece-se com Del Pichia, Honório de Syllos, Guilherme de Almeida, Julinho Mesquita, Breno e Pedro Ferraz do Amaral. Colunista social do Correio Paulistano, crônicas diárias reunidas em "O Pão de Moloch" e "O Názir de Cleópatra", idos de 1921 e 1922.

Redator político desse jornal, porta aberta para a vida política.

Proprietário de fábrica de relógios, na rua Asdrubal do Nascimento, chão da antiga chácara Graz, e com seu mano José, um dos iniciadores da incipiente indústria cinematográfica brasileira.

Herdara a afabilidade, amável e generosa, de seus familiares itálicos, toscanos. O pai Luis, grande artista, garibaldino, revolucionário, poeta, jornalista, pintor, arquiteto, construtor

Curiosos os determinismos e designios da Providência. Permito-me referir que meu quinto avô paterno, filho de Nice, oficial da Grande Armée, pugnava no comando, com as insígnias de coronel, do 4.º Regimento de Dragões, junto ao Berezina, na calamitosa jornada invernal sob o açoite inimigo. O general Joseph Farina viria a terminar seus dias em Waterloo, a comandar a brigada de couraçoes da Guarda Imperial, ao lado de Milhaud e Ney. Tombou na última carga, frente a elevação do Mont-Saint-Jean, às 16 horas, uma hora antes do término da contenda, final da égide política da latinidade. Pois o avoengo de Menotti estremou-se nos episódios, e ambos vêm citados por Henri Beyle, o grande Stendhal, em seu Journal d'Italie e no capítulo inicial de La Chartreuse de Parme. Também de forma coincidente, no mesmo período refere-se o autor do "Vermelho e Negro" ao grande músico, ancestral do caríssimo padre Hélio Abranches Vioti, insigne historiador anchietao e imortal deste caculo. Romeiros da mesma peregrinação, em passadas terrenas, às moradas da eternidade.

Na velha Itapira, na fazenda Santa Catarina da Capoeira do Meio, com a inspiração nativista, nasce Juca Mulato. Rodolfo Palladini recebe o manuscrito na tipografia "Cidade de Itapira". A primeira edição de 500 exemplares, em papel especial, capa desenhada pelo poeta, espelha "a dor ingénua de Juca" onde canta o génio triste da raça e de nossa gente". Os trópicos, apreciados antecipadamente, mesmo antes de Paulo Prado e Levy Strauss. Se não tivemos o Cid, Rolando, nem o Magriço contra os Doze de Inglaterra, possuímos o homem que antes de tudo é um forte: somos apenas "caboclos do mato que rondam a luz de uma estrela..."

Homens como Paulo Virgínio, o índio Poti, André Rebouças, Patrocínio, Paulo Gançalves.

Modela o barro, esparze as tintas em mil cambiantes

mento, benemerência, continua seu labor, alimentado pela contínua inquietação dos seletos que habitava dentro dele. Buscava ser total em cada livro, com temas renovados, diferentes. Buscava outras realizações, o perfeito, a integração suprema com a Perfeição do Altíssimo.

O exato depoimento "Nacionalismo e Semana de Arte Moderna" enfeixa o discurso proferido por Menotti na sessão de 22 de fevereiro de 1962 na Câmara dos Deputados, em Brasília. Oração e marco na história do pensamento brasileiro; crônica fiel do movimento de 1922, capaz de "descobrir o Brasil soterrado sob densa montanha e exótica cultura." O lapidado pronunciamento de Del Picchia ficará iluminando os passos significativos da jornada, acrescido das vozes dos senhores Hamilton Nogueira, Luiz Viana, Carvalho Sobrinho, Plínio Balgado, expressão de dias de lidima representação parlamentar. Peça escurteira, lava aurifera.

Traduzido em numerosos idiomas, membro da Academia Paulista de Letras (1929), Academia Brasileira de Letras (1943), prêmio Juca Pató (1968), Intelectual do Ano, pela publicação do "Deus sem Rosto"; Prêmio Moínho Santista, Área de Poesia, em 1984 Príncipe dos Poetas Brasileiros, padrinho de Marília e Dirceu, na deposição da urna dos dois enamorados de Vila Rica, Panteão da Inconfidência.

Homem paulopolitano, com raízes a adentrarem, gens e sangue, o alvorecer do Renascimento, e mais ainda Homem do Mediterrâneo, na conceituação de Afonso Danvila.

Alcântara Silveira, mestre das letras francesas, e de tudo que é nosso, sentiu esta alma do trovador Menotti, enfatizando as máximas de seu pensar: "Está em nós recitar a inocência do mundo, façamos nós mesmos rair a alvorada!"

Memória atávica

Volumes compulsados, poemas sentidos, versos degustados e surge Menotti explicativo, em gens e cromossomas, corpúsculos infinitamente pequenos, código genético, a conter e registrar as características físicas da estirpe, e mais o talento, centelhas de Zeus, Apolo e Hércules, equilíbrios entre luzidez e instantes de abulia, auras, limiares entre o normal e a paranormalidade, delírios, torporos, síndromes de alucinação, conflitos emocionais, situações conflitantes, eclosão do gênio, da cólera, do êxtase, da sublimação de santos e sábios integrantes da condição humana.

Luminares da psicologia, nos primeiros anos deste século, apontaram caminhos e os consolidaram, a devassar os escaninhos da personalidade, da memória, da atenção, paixões, a lógica dos sentimentos, num devassamento jamais atingido e impossível de ser ultrapassado.

Hartenberg, Jean Delay, Paulhan, e o grande, imenso Tédulo Ribot, levantam as próprias bases da Hereditariedade Psicológicas, em tom quase divinal, a dignificar uma metodologia e a sá-

ciência multiplicadora. A eles, da escola de França, temos de acrescentar Hartmann e Oscar Schmidt, este com seu pioneiro, quase desconhecido nestas plagas, mas fundamental "Philosophie de L'Inconscient", vindo à luz em 1879, ambos autores da Germânia, precursores da doutrina de Krafft Ebbing, mestre de Viena e estruturador da moderna psicologia médica e da sexologia científica. Avanços após Charcot e Esquirol, não atingidos, só depois, nem mesmo por Adler, Jung, Lacan ou Helena Deutsch.

Vicente, fatora do espírito e d'alma paulista. Tudo surgiu num cadinho, com a preta, o devassamento, a correria nos sertões em demanda das minas recém-descobertas em Tripiti, os impetus bandeirantes em marcha batida para as regiões auríferas dos antigos cataguases, as mil andanças pela estrada do rio das Velhas e os Campos Gerais do Paraná, inclusive nos "Currais da Bahia", nome pitoresco do Vale de São Francisco. Emergiam para a crônica potentes sertanistas, chefes de monções, senho-

Santos Filho, mestre da História da Medicina a apontar os caminhos por mim trilhad.

Neste momento de fundas emoções sou recebido por Paulo Bomfim, vate maior de Piratininga, a quem expressei imprecisamente o reconhecimento, pois ele encarna o fã de toda essa longa trajetória.

Filho de Simeão dos Santos Bomfim (mestre amigo, Timbre Heráldico, símbolo perene de médico da Casa de Araldo), membro da primeira e lendária turma de 1918 da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, a voz de Paulo Bomfim é mensagem dos varões de Plutarco da Gleba em que nascemos. Cultor de idêntico Armorial, também estou à espera do regresso do sertão daqueles que partiram há três séculos...

*Índias de rubi, olhos de brasa
Cruvados em memórias seculares;
Febres antigas matam-me de novo,
às portas de um sertão desconhecido.*

*Ó selva bruta, ó pantanos de asfalto
encobrindo vestígios do meu
passo...*

Profissão de fé

Integro-me, com orgulho, no grupo dos perquiridores da História que alicam a voz sem cessações, nesta Casa, na Academia Paulista de História e no venerando Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, com Lycurgo de Castro Santos Filho, Odilon Nogueira de Matos, Raul Andra e Silva, Paulo Pereira dos Reis, Hernani Donato, padre Hélio Abbranches Viotti, Miriam Ellis, Isaac Grimbreg, e outros, responsáveis pela égide da Memória da Pátria, sempre a retirar do olvido os marcos militares da Crônica dos Paulistas.

Na sucessão dos mesmos prólos, vanguardistas como os saudosos Ernesto de Moraes Leme, Pedro Rodoválvo Marcondes Chaves, Leonardo Arroyo, Lucas Nogueira Garcez, Vicente de Paulo Vicente de Azevedo e Pedro de Oliveira Ribeiro Neto situam-se os vultos de Pedro Ferraz do Amaral, Honório de Syllos, Alcântara Silveira, Afrânio Zuccolotto, Odilon da Costa Manso e Mário Donato, dragões fiéis da Guarda Paulista, no culto às tradições e ao passado grandiloquente.

Notáveis na poesia, cimos também de um ensaísmo alto, cantam a sabença Geraldo Pinto Rodrigues, Cyro Pimentel e Péricles Eugênio da Silva Ramos.

Nas idénticas trilhas de Teresa Margarida da Silva e Orta, com integrais louvações, exalçam-se e ainda mais elevam a mulher paulista, Maria de Lourdes Teixeira e Lígia Fagundes Telles.

Marins, Vidigal, D'Elia,

"A história da província de São Paulo será também a História Geral do Brasil"

Doutrina bem equacionada e melhor fundamentada, base monolítica de tudo que há de vir.

Há mais de trinta anos, exaustivamente defendendo idéias, a etiologia certa, explicativa, das manifestações e tendências da ação e da conduta, dons inatos, componentes da Memória Atávica, da somação de registros das ancestralidades no decorrer dos séculos. A consagração definitiva do pensar chega-nos da eterna França, Universidade de Paris, depositária dos avanços doutrinários, filosóficos, científicos, depurados e sedimentados pela razão, sem contestar as bases essenciais da condição humana.

Sob o nome de Memória Inata e Memória Adquirida, André Goudot - Ferrot publica teses e ensaios, com o aplauso do egrégio Delpech, a insistir também que os centros da Memória Atávica tem localização no encefalo. Tais conceitos vão-nos fazer entender o homem como a soma das sensações, vivências, emoções, toda a gama, história viva, registrada e sepulta no gens e clones, código cromossômico, mapa, tomo genético, a nos chegarem pelos milênios da longa série de antepassados.

São Paulo incorporou em sua saga grandiosa a gigantesca personalidade de Menotti Del Picchia, ao exaltar os componentes de sua triada essencial, Dignidade, Talento e Cívismo Tempo e Memória, dois mil anos de cristianismo, dois mil de grecoromanidade. Descendente de Enéias, esposo de Lavinia, filha do rei latino, Paulo Menotti Del Picchia, homem do Ocidente e paulista há quarenta séculos!

Saga Paulista

Em renovados cantares caber-me-á evocar todas as facetas das personalidades, a minudência dos labores, efemérides marcantes das augustas figuras do Patriarcado, de José Feliciano e de Menotti. Todos se engastam, valores destacados, na longa marcha, iniciada com a Cruz de Cristo de Tomar, em São

res de pedágios de rios até então não vadeados e donos do poder na superintendência e guarda moria de novas minas. É o momento em que no bem referir do visconde de São Leopoldo, a história da província de São Paulo será também a História Geral do Brasil. Enquanto as demais capitânias não passavam de fazendas da metrópole, a de São Paulo já era uma afirmação de nacionalidade. E com os séculos toda a Crônica do País dos Paulistas. Líbero Badaró e Júlio Frank, Inácio Betoldi, Salvador de Mendonça, Carrão, Luiz Gama, José Bonifácio o moço, Nabuco, Rio Branco, o "sacrossanto velho, civilista imortal de nossa fé", as Arcadas, a Casa de Araldo, o barão de Ramalho, a Liga Nacionalista, Paula Souza, Steidel, Arnaldo Vieira de Carvalho, 1920, 1922, 1924, e a guerra Cívica de 32, a eloquência de Ibrahim Nobre, os clangores de Martins Fontes e Guilherme de Almeida, as ressonâncias do MMDC, as baladas de Baptista Cepelos e Paulo Bomfim, cantos da Liberdade e Justiça, cânoneiro da gente paulista, sempre a levar a bandeira das aspirações, o germe dos embates herdados de um tempo doutor, prólogo em afirmações do mais alto civismo.

As minhas filiações se inserem a esse espírito condensado no velho Ginásio do Estado de Cesário Motta Jr. e Martim Egídio Dany, e na Faculdade de Medicina de São Paulo, onde mestres e alunos sempre se bateram pela causa paulista até com o sacrifício supremo nos campos de luta.

Com as névoas da saudade relembro as egrégias figuras dos mestres que nessas casas de ensino moldaram as essências do meu sentir e pensar, e entre eles, e principalmente, José de Freitas Vale, Mário Pereira de Souza Lima, Bento de Assis, Ernesto de Souza Campos, Raul Carlos Briquet, Antônio Carlos Pacheco e Silva, e o sábio e santo Celestino Bourroul, numes tutelares de minha iniciação a que por justa terrei que acrescer Lycurgo de Castro

Seavone, Erwin Theodor, mestres Buzaid e Reale, Carlos Alberto Nunes Scantimburgo, Dias Novais e Gracioti, Moutinho, mestres Edmundo Vasconcelos e Soares Amora, Marcos Rey, Tavares, Vargas e Frederico Marques enlaçarem o sonho primeiro e o labor fecundo de J. J. de Carvalho.

E vós Paulo Bomfim, também ramo florescente dos Lábels e Magalhães, fundadores de cidades e ferrovias, arroteadores dos sertões, atalais e lança, Bayard de Piratininga, alcáiz vosso estro e vosso canto a fim de que não pereça a marcha bandeirante nem cessem os compassos do Paris Belfort, no culto cívico reiterado da santificada bandeira das treze listras. Última trincheira, continuidade da clarinada inicial. Sois São Paulo, expressais sua alma e sua causa, enalteceis os feitos formidantes daqueles que "empunhando ahas, empurrando quilhas foram ainda além das Tordesilhas".

Em memória e respeito, devo citar os egrégios nomes ligados à minha célula mater, Faculdade de Medicina de São Paulo, membros desta Academia: Francisco Franco da Rocha, Domingos Rubião Alves Meira, A. C. Pacheco e Silva, Luciano Gualberto, Ernesto de Souza Campos, Raul Carlos Briquet, José Pedro Leite Cordeiro, Eurico Branco Ribeiro e Edmundo Vasconcelos, derradeiro superstitite.

Curvo-me, comovido, também com a presença de minha mestra de letras primárias, a dama da sociedade paulista, dona Dulce Braga Neves, esposa do prof. Celso Neves, da Academia de Direito, amigo caríssimo, e ligado por laços de sangue e afeto ao saudoso Erasmo Braga, luminar desta Academia.

Resurretos, lutaremos, outra vez, e novamente, em novas reconquistas, retomadas de ceutas e arzilias, covadongas sempre repetidas, com os mesmos ajustes do Salado e das Navas de Tolosa. Desta feita Itararé terá o seu desfecho...

Também longa viagem, desmesurada trajetória, da Ladeira do Porto Geral, laideira junto ao Tamanduael onde dormem as minhas Tágides, para o pouso consagrado do Arouche.

Aqui chego simples caminhador, cajado e tabardo, só com minha profissão de fé: Amar São Paulo e o Brasil acima de todas as cousas. E foi tão somente por isso que vós me recebestes com vossa ilimitada generosidade, ilustres membros desta sábia Companhia! E teréis a certeza de minha eterna gratidão!

Non Ducor Duco! Pola ley e pola grey!
pro Brasilia Flant Eximia!

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon
Carlos Kleber Canova

Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca e Suplemento Cultural
Heber Maia de Mattos - Música

Nélson Pedral Sampaio
Wanda Gondá

Pinacoteca